

Título: **SORTE e outros**

Autor: João Orlando Pereira Machado

Não vinha noite em que eu não me perdesse
Num delírio de sonhos de encantar
Ora me aparecia sobre o mar
Ora corria ao sol pra que eu corresse

Ofuscado de luz se ela aparecesse
No mais rico salão sempre a bailar
Rodando, eu a tentava alcançar
Até que o sonho se desvanecesse

Truz, truz! Sorri; será que é a fortuna?
Em sonhos loucos sempre adormecia
Ela na minha casa e eu na duna

Nos braços de Morfeu me estendia
Chorava por não ter sorte nenhuma.
Batia à porta a SORTE...e eu não a abria.

■ FÁBULA

Ai se eu fosse poeta pra escrever
Tudo o que no meu peito sonho e trago,
Mas desta vinha sei não vou colher,
Nem um cacho pequeno, nem um bago.

Corro a calçada, pareço a raposa,
Saltando à bela vinha, em desespero
E tu passas por mim toda vaidosa
Nao me mandas esperar, mas eu espero.

Vejo-me a inventar passos de dança
Gritando de contente está na hora
É só mais um pouquinho não demora

E a repetir: "Quem espera sempre alcança"
E outro provérbio que inventei agora
"Quem por amor espera, não se cansa."

■ OS OUTROS E EU

E eu vejo outros passar todo o seu tempo
Olhando os astros sem lhes ver a luz
Nenhum encanto ou graça que reluz
Lhes traz à alma algum encantamento

Talvez que de os olhos postos noutro intento
Faça ensombrar a beleza de truz
E enquanto a estrela brilha e o céu reluz
Perde ele, olhos no chão, todo o evento

E eu, cego de amor sem nada ver
Com meus braços estendidos, vou tacteio
E por artes de braille então eu leio

Tudo aquilo que a sorte dar me quer
Cabelos lindos, olhos, lábios, seio
Deus dá olhos de ver só a quem quer

■ BOTÃO DE ROSA

Quem te despreza assim botão de rosa?
Quem te deixou especado aqui no chão?
Quem não vê num botão, rosa formosa?
Há gente assim, sem luz, sem coração.

Eu cuidarei de ti, pois prezarosa
Serás rosa de pétalas que estão
Como a esperança à sombra receosa
Ninguém te arrancará da minha mão

A ti darei meu pão, meu aconchego
Livrando-te do gelo e do sol quente
Mais que a todas te quero, não o nego

Aqueço-te com meu amor ardente
Refresco-te com beijos, quando cego
Me perco. 'inda que só meu confidente.

■ BENDITO CORPO

Gostava de te ver neste momento
Pois que adivinho tudo no meu peito
Tu estirada ao sol como num leito
Banhada pela luz do firmamento

E cada gesto teu é um sacramento
Expresso com leveza e a teu jeito
Em pensamento presto-te o meu preito
E deixo-me arder em fogo lento

Não perco as maravilhas que a Natura,
Mãe, estremosa Mãe nos presenteia
Ao dar-nos a doença, dá a cura

Até pra um grande amor que nos ateia.
Por isso, digo ao ver-te assim tão pura
Bendito o corpo que o Sol incendeia.

■ RUA DA SOLIDÃO

Rua da Solidão, assim se chama
A rua onde eu me perco noite e dia
À procura do amor e da alegria
Chamo, chamo, e a mim ninguém me chama

Verdade é que esta rua ganhou fama
Teve um princípio, e o fim sempre se adia
É longa a rua, mais longa agonia
Pois nela o sol escurece e a dor se inflama

Procuro os meus amores e onde estão?
Rasguei os pés de tanto caminhar
Tantos tropeços, nesta escuridão

Não sei que porta procuro encontrar
Tentei sonhar, mas todo o sonho é vão
Sobre a calçada, só, vou-me deitar.

■ AMAR SEM RETORNO

As longas cartas que te escrevo, se as vês, esquece
Rasga em pedaços os recados que te deixo
Tão maltratado, vê lá bem, e não me queixo
E sabes bem quanto o meu coração padece

Bem sabes tu que o teu silêncio me ensurdece
E o teu desprezo se reflecte em meu desleixo
Procuro sempre dizer tudo em breve trecho

Se falta o riso, a tua voz...tudo esmorece

Mas se te apraz ter um escravo amarrado
Ao coche que te leva lesto a toda a parte
Aqui me tens pra teu servente resignado

Tendo por paga o teu desprezo quanto farte
Será notório e apregoado em toda a parte
Que quem amar pode bem nunca ser amado.

■ PLANTA INVASORA (bons-dias)

Porque invadiste tu o meu jardim?
Não te chegava o vaso que te dei?
Quantas rosas calcaste? Já nem sei
Rebentaste a florir dentro de mim

Abafaste o canteiro de jasmim
Que pelo seu perfume era o meu rei
E sem respeito pelo que era lei
Cobriste a flor perfeita e a erva ruim

A gramínea rasteira era o tapete
Que me levava ao leito imaculado
Onde a noiva tiraria o corpete

O sonho que eu sempre havia sonhado
E tu, vens invasora e insolente
Esmagar o meu sonho de repente?!